

Lucélia Paula Cabral Schmidt¹
Sabrine Teixeira Ferraz Grunewald¹
Eder Schmidt²

¹Departamento Materno Infantil, Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, Brasil.

²Departamento de Clínica Médica, Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, Brasil.

RESUMO

Introdução: Diversos autores afirmam a influência de fatores fisiológicos e psicológicos no aprendizado do controle esfinteriano, destacando a aquisição desse controle como um marco de desenvolvimento da criança, envolvendo habilidades físicas e de relacionamento com o meio. Entretanto, propõe-se que o desfralde seja também um rito de passagem, uma resposta adaptativa obrigatória ao indivíduo quando forçado a mudar de posição dentro de um sistema. **Objetivo:** Destacar as dimensões social e cultural na aquisição do controle esfinteriano, um processo cujas inadequações estão incluídas entre os preditores para sintomas urinários e constipação na infância. **Materiais e Métodos:** O trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica realizada a partir dos temas "ritos de passagem" e "estágio anal do desenvolvimento psicosssexual pela ótica freudiana". Não foram aplicadas restrições por idioma, nacionalidade ou ano de publicação nos textos selecionados. **Resultados:** Constatou-se que na operação do desfralde, para além da dimensão fisiológica estão em jogo importantes fatores estruturantes do psiquismo e das relações sociais. Propõe-se a inclusão do desfralde na série de mudanças de status em que o indivíduo se vê implicado em sua relação com a sociedade. Além do aprendizado de um hábito, ocorre também uma importante passagem no curso do desenvolvimento mental e social da criança, estando em jogo a decisão entre satisfazer-se de forma livre ou ceder a condicionantes socioculturais para essa satisfação. **Conclusão:** Considerando o processo de aquisição do controle esfinteriano como uma metáfora do processo de internalização de códigos socioculturais, é possível a caracterização do desfralde como um rito de passagem.

Palavras-chave: Fraldas Infantis; Criança; Desenvolvimento Infantil.

ABSTRACT

Introduction: Various authors assert the influence of physiological and psychological factors on the learning of sphincter control, emphasizing the acquisition of this control as a milestone in child development, involving physical abilities and interaction with the environment. However, it is proposed that potty training is also a rite of passage, a compulsory adaptive response for the individual when forced to change position within a system. **Objective:** To highlight the social and cultural dimensions in the acquisition of sphincter control, a process whose inadequacies are included among the predictors for childhood urinary symptoms and constipation. **Materials and Methods:** The study was developed through bibliographic research based on the themes "rites of passage" and "anal stage of psychosexual development from the Freudian perspective." No restrictions were applied regarding language, nationality, or year of publication in the selected texts. **Results:** It was found that in the operation of potty training, beyond the physiological dimension, important factors structuring the psyche and social relations are at play. It is proposed to include potty training in the series of status changes in which the individual finds themselves implicated in their relationship with society. In addition to learning a habit, an important passage in the course of mental and social development of the child also occurs, involving the decision between freely satisfying oneself or yielding to sociocultural conditioning for that satisfaction. **Conclusion:** Considering the process of acquiring sphincter control as a metaphor for the internalization of sociocultural codes, it is possible to characterize potty training as a rite of passage.

Keywords: Diapers, Infant; Child; Child Development.

✉ **Sabrine Grunewald**

Av. Eugênio do Nascimento, s/n, Dom Bosco, Juiz de Fora, Minas Gerais
CEP: 36038-330
✉ sabrine.pediatria@gmail.com

Submetido: 04/03/2024
Aceito: 19/06/2024



INTRODUÇÃO

A existência de um indivíduo em qualquer sociedade implica uma série de passagens, de mudanças de *status*, algumas delas marcadas por cerimônias características. E, ainda que não mereça alguma liturgia, cada passagem é prevista, como estando implícita no próprio ato de existir. É o que Arnold van Gennep, em 1909, nomeou como “ritos de passagem”: nascimento, puberdade/adolescência, casamento, maternidade/paternidade, aspectos da vida profissional, morte, seriam alguns marcos dessas mudanças, que em geral se sucedem.¹ Cada cultura enumeraria suas passagens e em meio aos diferentes grupos sociais outras mais seriam apontadas, considerando-se, ainda, que elementos culturais rotineiros muitas vezes ocultam em si algum aspecto ritual. A aquisição do controle esfinteriano é uma etapa marcante no processo de desenvolvimento da criança que sofre influências sociais, culturais, biológicas, genéticas e econômicas.

Não existe uma idade exata para o chamado “desfralde”. Para que ele ocorra com sucesso, é preciso que a criança consiga relaxar seus esfíncteres de forma voluntária, compreenda e obedeça a comandos e mostre interesse pela utilização do banheiro. Além disso, o processo do desfralde diurno frequentemente antecede o desfralde noturno, pois o último exige maior condicionamento neurológico.²

No entanto, o controle esfinteriano não deve ser encarado apenas do ponto de vista biológico. Mais do que aprender um hábito ou adquirir conhecimento, é um rito de passagem. Dessa forma, o objetivo da presente revisão foi destacar as dimensões social e cultural na aquisição do controle esfinteriano, um processo cujas inadequações estão incluídas entre os preditores para sintomas urinários e constipação na infância.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa bibliográfica foi realizada a partir dos temas “ritos de passagem” e “estágio anal do desenvolvimento psicosssexual pela ótica freudiana” com o operador booleano AND. Não foram aplicadas restrições de idioma ou nacionalidade dos textos selecionados, nem quanto ao ano de publicação. Como critérios de exclusão, foram retirados textos que não atendessem ao tema proposto do ensaio.

Em um primeiro momento, foram selecionados 93 textos para avaliação de título e resumo, e exclusão das referências que não eram pertinentes ao tema. As versões integrais de 61 referências foram revisadas para seleção daquelas que abordavam aspectos relevantes em relação ao tema. Ao final, foram selecionadas 12 referências para inclusão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na revisão da literatura, foram selecionadas 12 referências pertinentes ao tema a ser debatido com ano de publicação variando de 1960 e 2022. Dessa forma, foi possível incluir desde textos mais clássicos, nos quais se baseiam práticas atuais, até artigos mais recentes.

Os autores apresentam a discussão e teorização elaborada. São abordados aspectos sobre os ritos de passagem pelos quais passa um indivíduo, questões culturais relacionadas ao controle esfinteriano, questões fisiológicas que se relacionam ao desejo e, por fim, a associação entre a fralda e a fase anal descrita por Freud.

Ritos de passagem

A presença de um indivíduo em uma comunidade implica em uma série de transições, de alterações de posição social, algumas das quais são marcadas por cerimônias específicas. Mesmo que não recebam um tratamento cerimonial explícito, cada transição é pressuposta, fazendo parte intrínseca do próprio processo de existência. Este fenômeno dos “ritos de passagem” apresenta variações entre diferentes sociedades e grupos, sofrendo forte influência de elementos culturais.

É possível entender os ritos como uma resposta adaptativa obrigatória quando os indivíduos são forçados a mudar de posição dentro de um sistema. Também é uma mudança de foco do plano individual para o coletivo, o que transforma o rito em um elemento essencial da constituição da própria sociabilidade.³

Para Claude Rivièrre,

[...] os ritos devem ser sempre considerados como conjunto de condutas individuais ou coletivas, relativamente codificadas, com um suporte corporal (verbal, gestual, ou de postura), com caráter mais ou menos repetitivo e forte carga simbólica para seus atores [...] baseadas em uma adesão mental, eventualmente não consciente, a valores relativos a escolhas sociais julgadas importantes e cuja eficácia esperada não depende de uma lógica puramente empírica que se esgotaria na instrumentalidade técnica do elo causa-efeito.⁴

Segundo o autor, os ritos são sistemas de sinalização a partir de códigos definidos do ponto de vista cultural.⁴ Seu funcionamento deve ser associado à sua utilidade social e sua execução é fundamental para a sustentação do código moral da sociedade. As operações materiais dos ritos são reveladoras de operações mentais já que operam com símbolos.⁴

A despeito da fundamentação fisiológica da vida, todo rito se apoia em uma decisão grupal, nunca em determinantes naturais, e isso remete ao

nosso tema título: o rito do desfralde.¹ A rigor, não há qualquer determinação biológica que imponha à criança o abandono da fralda, uma vez que o destino adequado a ser dado às suas excreções é uma mera proposta da cultura. A partir de propostas ou de imposições, o fato é que a cultura, em alguns momentos, obriga seus indivíduos a mudarem de posição em sua engrenagem, abrindo seu foco do individual para o coletivo. Esse aspecto remete à operação do desfralde.

O controle esfinteriano e a cultura

Mota e Barros afirmam a influência de fatores fisiológicos, psicológicos e socioculturais no aprendizado do controle esfinteriano, relacionando as inadequações no processo entre os preditores para sintomas urinários e constipação na infância.⁵ Stadtler, Gorski e Brazelton destacam a aquisição do controle esfinteriano como um marco de desenvolvimento na vida de uma criança, envolvendo habilidades físicas e de relacionamento com o meio.⁶ Para os autores,⁶ um estressor próprio desse momento é o confronto entre a determinação parental em treinar a criança que, por sua vez, deseja se manter no controle de suas ações. Essa luta pelo poder pode representar um impacto negativo no relacionamento resultando em disfunções, como a enurese e/ou a encoprese.⁶

Entendemos que a aquisição do controle esfinteriano não se constitui no simples aprendizado de um hábito, na aquisição de um novo conhecimento ou de um novo equilíbrio de forças pulsionais, mas sim em uma importante passagem no curso do desenvolvimento mental, social e cultural da criança. Nas palavras de Freud, “[...] os historiadores da cultura parecem unânimes em supor que, mediante um desvio das forças pulsionais sexuais das metas sexuais e por sua orientação para novas metas, num processo que merece o nome de sublimação, adquirem-se poderosos componentes para todas as realizações culturais”.⁷

Mais do que uma regra de higiene, o que está em jogo nesse estágio a que Freud denominou “anal” é a decisão entre satisfazer de forma livre uma determinada tensão ou ceder a condicionantes para essa satisfação (condicionantes inegavelmente socioculturais). Como nos lembra Bergeret, Freud descobriu a importância da “analidade” pela análise da neurose obsessiva, onde precisamente a manipulação dos objetos é uma das características mais importantes.⁸ Ainda com Freud, entendemos que

[...] de qualquer modo, podemos estabelecer uma fórmula para o modo como o caráter, em sua configuração final, se forma a partir dos instintos constituintes: os traços de caráter permanentes, são ou prolongamentos inalterados dos instintos originais, ou sublimação desses instintos, ou formações reativas contra os mesmos.⁹

Ao nascermos, somos inapelavelmente mergulhados em alguma cultura e o vínculo entre o individual e o cultural torna-se indissociável. Isso não quer dizer que nos encontramos desde o início em condições de partilhar da rede de significações que nos circunda. A disposição em renunciar à satisfação incondicional dos impulsos é o ponto de partida para qualquer proposta de inserção em uma sociedade. Essa renúncia, no entanto, custa à criança a posição individualista de onde ela se via como operadora onipotente de seu desejo, de seu corpo e do meio ao redor.

Para Freud, a base da cultura estaria na renúncia de impulsos com a restrição da liberdade individual para satisfazê-los.¹⁰ Em “O mal-estar na civilização”, discutindo a inserção do indivíduo em uma cultura, Freud¹⁰ afirma que “é impossível não ver em que medida a civilização é construída sobre a renúncia instintual, o quanto ela pressupõe justamente a não satisfação de instintos poderosos. Essa “frustração cultural” domina o largo âmbito dos vínculos sociais entre os homens”.¹⁰

Em outras palavras, para Freud, a civilização se constrói pela imposição do desejo coletivo sobre os desejos individuais, fadados a algum nível de frustração. Em um texto anterior, “Psicologia das massas e análise do ego”, ele havia afirmado que “[...] Tal como no indivíduo, também no desenvolvimento da humanidade inteira é o amor que atua como fator cultural, no sentido de uma mudança do egoísmo em altruísmo”.¹¹

Fisiologia e desejo

Entende-se que as primeiras tensões experimentadas pelo bebê sejam de ordem somática e de determinação fisiológica. Sendo assim, suas primeiras satisfações seriam obtidas por meio do atendimento a essas exigências da fisiologia, com a supressão do estímulo que elas provocaram. Porém, a psicanálise propõe que a satisfação das tensões fisiológicas logo extrapola o plano corporal, criando um registro mental daquela satisfação. A seguida alternância entre a tensão somática e o retorno à quietude, por meio do atendimento às necessidades mais elementares e cotidianas da criança se transformaria, gradualmente, em registros psíquicos de desprazer e prazer.

A partir daí, a demanda de cuidados iria além do atendimento à fisiologia, priorizando a busca de um registro de prazer de ordem psíquica, afetiva, aberta a mais de uma forma de atendimento que não um mero reequilíbrio fisiológico. Para a psicanálise, o que define um ser como humano – e, não, meramente animal – é essa transformação dos excessos fisiológicos em registros afetivos, admitindo uma gama infinita de possibilidades e de objetos de satisfação. Nesse sentido, o desejo humano difere radicalmente da necessidade instintual de outros animais, a ser atendida de uma forma pré-definida e única.

Porta vozes da civilização, da cultura e do mundo ao redor da família, os pais apresentam à criança, desde muito cedo, inúmeras regras ou expectativas visando à administração da fisiologia, de acordo com parâmetros culturais e civilizatórios. Em um estágio inicial do desenvolvimento, essa administração se dirige à alimentação, com a implantação de horários, quantidades, qualidades etc., no que Freud denominou “fase oral”. Mais tarde, em um momento em que a criança já dispõe de um controle suficiente da musculatura voluntária, essas regras ou expectativas se referem, no plano mais objetivo, à administração das suas eliminações, com a aquisição de um controle esfinteriano que viabilizaria o desfralde. Nesse momento, a criança estaria na “fase anal”.¹² Porém, em cada uma dessas fases se desenrola um processo muito mais amplo.

A administração dos impulsos de fome, própria da “fase oral”, se estende pela vida afora como administração das internalizações, aquisições, incorporações de uma forma geral, buscadas para preencher o que nos falta a cada instante, para aplacar as sensações de vazio, gerando um padrão de intervenção sobre as carências de todas as ordens.

Freud e a fralda

A associação entre fralda e fase anal freudiana pode ser imediata, mas as fases do desenvolvimento infantil propostas pela psicanálise fazem referência a muito mais do que a função fisiológica a elas referida. Isso merece ser enfatizado: embora se refiram a imagens bem definidas da infância, cada uma dessas fases remete metaforicamente a questões muito mais amplas, presentes em maior ou menor medida, de uma forma normal ou patológica, em todos os espaços da vida adulta.¹³

Quanto ao estágio anal, apesar de seu objetivo pulsional ser habitualmente associado à função defecatória, isso não basta para explicar toda a sua complexidade.⁸ Freud se refere ao momento em que a criança, adquirindo o controle sobre a atividade motora, sai da passividade inevitável da fase anterior e parte para o mundo ao redor, na tentativa de efetivar tudo o que deseja. Sua atividade é intensa e de difícil controle, uma vez que nessa fase a mera oposição verbal ainda cairá no vazio e, com frequência, apenas a interdição física tem resultado. Proibições são reconhecidas pela criança, mas ainda não apresentam muita eficácia. Ela é capaz de se deter ante algo dito “proibido”, se referir de alguma forma à proibição e, em seguida, levar à frente o que pretendia fazer.⁸

É a fase da teimosia, do desafio, da pirraça. As repreensões habituais e eternas, repetidas de geração em geração, sinalizam para a existência de uma divergência entre o que a criança deseja e as expectativas ao seu redor.¹⁴ Entretanto, as negativas apresentadas pelos pais costumam vir acompanhadas

de uma alternativa aceitável, propondo à criança alguma via tida como mais adequada para a satisfação daquele impulso, o que não será pacificamente aceito por ela.

A retirada da fralda é um exercício dessa noção de adequação. A premência e o prazer da expulsão mobilizam a criança e, ao mesmo tempo em que também deseja que ela se satisfaça, o meio pretende que ela adeque sua satisfação às condições apropriadas. Cada família, ao veicular regras e expectativas próprias quanto ao “apropriado” e ao “inapropriado”, ao que “pode” ou “não pode”, encontra-se em consonância com os signos próprios do universo sociocultural em que se insere.

É importante que profissionais de saúde e as famílias sejam conscientizados sobre esses aspectos diversos e a complexidade do processo de desfralde, para que este possa ser conduzido da forma mais tranquila possível. De tal modo, esse estudo traz uma reflexão sobre elementos que vão além dos aspectos biológicos, ampliando a discussão e fornecendo subsídios para uma melhor compreensão do tema.

CONCLUSÃO

A aquisição das referências de adequação, característica da fase anal, extrapola as estratégias de aquisição do controle esfinteriano. Dessa forma, será o ponto de partida para a construção de conceitos mais amplos sobre o desejo e a adequação, o direito e a responsabilidade, o próprio e o alheio.

A retirada da fralda tende a repetir, metaforicamente, toda uma dinâmica de aquisição de limites e da relação com eles, cuja expressão última é o respeito à maior das fronteiras: a que existe entre o eu e o outro. A criança é uma no início do treinamento esfinteriano e outra ao seu final. Ao incorporar os determinantes que regulam sua submissão à fisiologia, assimila as propostas culturais quanto à expressão de seus desejos. A premência de suas exteriorizações, quaisquer que sejam, é submetida a um quando, onde e como.

O rito do desfralde se cumpre afirmando uma passagem que caracteriza a adoção pela criança do código que a circunda, agora inscrita em uma ordem de negociação. Submetendo-a às normas que a vinculam à coletividade, liberta a criança, assim como seus educadores, de muitas coisas e para muitas coisas. Em um aparente paradoxo, uma liberdade advinda de uma restrição.

REFERÊNCIAS

1. Van Gennep A. The rites of passage. The University of Chicago Press; 1960.
2. Arruda DF, Assis GM. Guia para um desfralde consciente.

Taubaté: Casa Cultura; 2021.

3. Matta R. Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. *Mana*. 2000; 6(1):11-2. doi: 10.1590/S0104-93132000000100001
4. Rivière C. Os ritos profanos. Petrópolis: Vozes; 1997.
5. Mota DM, Barros AJD. Toilet training: methods, parental expectations and associated dysfunctions. *Jornal de Pediatria*. 2008; 84(1):9-17.
6. Stadtler AC, Gorski PA, Brazelton TB. Toilet training methods, clinical interventions, and recommendations. *Pediatrics*. 1999; 103:1359.
7. Freud S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Freud S. Obras completas. São Paulo: Companhia das Letras ; 2016. p. 22. v. 6
8. Bergeret J. Psicologia patológica. São Paulo: Masson do Brasil ; 1983.
9. Freud S. Caráter e erotismo anal. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago ; 2006. p. 162. v. IX
10. Freud S. O mal-estar na civilização. In: Sigmund Freud obras completas. São Paulo: Companhia das Letras; 2016.
11. Freud S. Psicologia das massas e análise do ego. In: Sigmund Freud obras completas. São Paulo: Companhia das Letras; 2016.
12. Freud S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Sigmund Freud obras completas. São Paulo: Companhia das Letras; 2016.
13. Abraham K. Teoria psicanalítica da libido. Rio de Janeiro: Imago; 1970.
14. Chapellon S, Gadio G. Quand surgit l'opposition: le stade anal. *Enfances & Psy*. 2017; 1(73):30-41. doi: 10.3917/ep.073.0030